

RESENHA:

O CORPO E O TRABALHO NA OBRA DE SIMONE WEIL

EDUARDO L. A. RODRIGUES¹

MARIZ, Débora. **O Corpo e o trabalho na obra de Simone Weil.**
São Paulo, SP: Editora LiberArs, 2020.

SIMONE WEIL (1909-1943), filósofa francesa que viveu na primeira metade do século XX, conhecida pela sua erudição e pela sua crítica voraz é atualmente admirada por muitos acadêmicos, principalmente no que concerne à sua singular leitura da filosofia platônica e de suas análises críticas sobre a opressão na sociedade contemporânea. Hoje, mesmo pouco conhecida no Brasil, Weil é agraciada por uma pensadora brasileira com a publicação desse livro que, considerando o âmbito internacional, apresenta o estudo mais aprofundado a respeito do papel do corpo, do trabalho e da interação de ambos (do corpo em trabalho) na filosofia weiliana. Essa obra é produto de imensa investigação realizada pela autora Débora Mariz, obra que foi apresentada inicialmente como sua tese de doutorado no ano de 2016 pelo departamento de Filosofia da UFMG. Hoje, Mariz é professora de Ensino em Filosofia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A obra de Mariz inicia-se com uma breve apresentação dos conceitos de trabalho em Simone Weil mostrando que o trabalho físico é considerado pela filósofa como o “centro espiritual de uma vida social bem ordenada” (MARIZ, p. 11). Por isso, a necessidade de compreendermos como o corpo é, na teoria weiliana, inscrito como intermediário (*metaxu*) para “o homem estabelecer uma conexão entre os diversos planos da realidade e remediar a cisão existente entre a vida profana e espiritual ou entre o pensar e o agir próprio do trabalho moderno” (MARIZ, p. 11).

Nessa introdução, Débora Mariz mostra-nos também outra importante tese a ser defendida no livro, a saber, “que sob a perspectiva do corpo talvez seja possível vivenciar sua proposta (de Simone Weil) de ressignificação do trabalho na nossa realidade” (MARIZ, p. 11). Dessa forma, com o objetivo de esclarecer o papel do corpo em trabalho na obra de Simone Weil, o livro de Mariz é dividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo (*O Trabalho*) evidencia as principais influências da filósofa, entre elas, a filosofia de Kant, de Descartes, de Maine de Biran e de Espinosa. Já para entendermos como se dá a inscrição do trabalho na filosofia weiliana, é ainda mais importante sabermos que “o pensamento de Weil é marcado pela interseção entre Marx (pelo reconhecimento do trabalho na mediação do homem com o mundo) e Platão (pela busca da verdade, do Bem, que não são desse mundo)” (MARIZ, p. 19).

É essa interseção (entre os pensamentos de Marx e Platão) que possibilita compreendermos, na filosofia weiliana, a sua leitura metafísica do corpo, este que passa a ser inscrito como intermediário entre o homem e o mundo através do trabalho. Pelo trabalho, o homem pode ter acesso, através da necessidade, ao Belo, ao Bem, e aos mistérios divinos. Nesse início, a autora ressalta que a teoria de Weil também dialoga com as necessidades dos trabalhadores (operários e agricultores) do século XX, estes que, oprimidos e subjugados, são impedidos de contatar a realidade, a verdade e o Bem inscritos no trabalho.

Afim de possibilitar esse retorno do trabalho inscrito em sua condição espiritual, Simone Weil se apoia, de acordo com a autora, em um novo paradigma científico “que resgate a noção de bem e mundo como ordem” da ciência que tem como base “a harmonia e a proporção na natureza; enquanto a noção de ilimitado, relacionada ao mundo, levaria à desordem, à desmedida e ao excesso.” A saber, Weil propõe o entendimento da ciência como aquela que “concerne aos fenômenos naturais” e que se “encontra ao nível das representações intuitivas, no sentido kantiano” (MARIZ, p. 21).

A partir desta noção, de uma ciência alicerçada na observação e na apreensão das leis físicas e geométricas (que regem o mundo), Weil, como esclarecido pela autora, mostra-nos a necessidade de compreendermos o funcionamento da ‘força’ no mundo. Esse conceito de ‘força’ na filosofia weiliana compreenderá tanto a condição gravitacional, que possibilita o trabalho e a ação dos corpos, quanto aquela (‘força’) que subordina

os homens aos outros homens. Para tanto, Mariz lembra-nos ainda que para Weil anteriormente na história humana existiam somente a natureza e a necessidade dos homens que os subjugavam. Agora, além da necessidade acrescenta-se a opressão, o monopólio das ciências, das armas e da moeda assim como a luta pelo poder. Conseqüentemente, vemos que os eventos aparentemente contingenciais, que regem as relações dos homens, também são representados pelo conceito de ‘força’. É assim que passamos a perceber a importância de tal conceito para a compreensão das relações do trabalho na sociedade ocidental do século XX.

É esta sociedade industrial, opressora e baseada no automatismo, que fornecerá um desequilíbrio rítmico que impedirá o homem de utilizar o seu corpo como intermediário com o mundo, tornando-se incapaz de compreender o ritmo do universo. Débora Mariz evidencia: “há escravização do corpo e falta de atenção pelo gesto repetitivo. Eis o caráter destrutivo da opressão: dado que à classe dominante cabe a atividade do pensamento, resta aos trabalhadores a ação irrefletida sobre o mundo, e não o pensamento” (MARIZ, p. 27).

Além da compreensão de conceitos essenciais à metafísica do corpo no trabalho na filosofia weiliana, nesse primeiro capítulo, Mariz apresenta-nos também a ideia de liberdade, compreendida por Simone Weil como uma relação de equilíbrio entre pensamento e ação. A filósofa “compreende que as ações corporais estariam integradas à ordem do mundo, de maneira harmoniosa e rítmica e não estariam sujeitas à cadência imposta pela máquina” (MARIZ, p. 29). A partir daqui, a autora adentrará as duas questões elementares para a compreensão do trabalho na filosofia weiliana:

1 - ‘A civilização do trabalho’ – O trabalho “compreendido como o ato humano por excelência, sendo o próprio centro da cultura”, fazendo-se necessário, para isso, uma educação operária. É, portanto, a “ressignificação do trabalho, proposta pela filósofa” que tornaria o trabalho “não apenas como uma ação no mundo, mas um objeto de contemplação do próprio mundo” (MARIZ, p. 31);

2 - A espiritualidade no trabalho – A autora esclarece que na filosofia weiliana é somente através do trabalho que o homem entra em contato com a necessidade, esta que é uma ordem de condições que limita o homem e possibilita-o compreender o mundo enquanto linguagem de Deus. A respeito dessa ideia a autora conclui: “Para S. Weil, o Bem é sinônimo de Deus e, em sua compreensão Deus criou o mundo e dele se retirou, o que a leva a destituir qualquer possibilidade de intervenção divina no mundo, mas também a leva a compreender que se o mundo é decorrente do Bem (transcendente), o mundo é linguagem de Deus”. Daí, a relação entre necessidade e o Bem: “a necessidade é feita de condições, então de possibilidades e, entretanto, ela é a base do real” (MARIZ, p. 35).

O segundo capítulo (*O corpo*) dedica-se ao estatuto do corpo. Inicialmente, a autora adentra detalhadamente na questão do corpo como mediação, inscrito como um “intermediário (*metaxu*) para o homem estabelecer uma conexão entre os diversos planos da realidade”. Mariz apresenta referências em que Weil inscreve o corpo como ferramenta, mostrando que “trabalhar é colocar seu próprio corpo como mediador do mundo, é fazer-se ferramenta, é inscrever-se no presente através da ação corporal” (MARIZ, p. 49). Com isso, tantas outras analogias correntes no pensamento weiliano são esclarecidas pela autora, a saber: o despertar da sensibilidade, o sacrifício no trabalho, a morte do eu (impessoalidade) e a analogia do Cristo na cruz. A partir daí, o livro abordará temas de maior complexidade filosófica que compreenderão a aprendizagem corporal (tema do terceiro capítulo) e o corpo em trabalho (quarto capítulo).

No terceiro capítulo do livro, a autora adentrará os conceitos-chaves para compreendermos como se dá a aprendizagem do corpo na filosofia de Simone Weil: (1) o estatuto da percepção, (2) a capacidade da atenção e (3) a aprendizagem de um ritmo.

Após apresentar os principais autores que influenciaram o pensamento de Weil, princi-

palmente no que concerne à percepção, Débora Mariz explicará como as relações espaciais “são estabelecidas na mediação entre nós e as sensações” (MARIZ, p. 66). É o corpo que reage às coisas do mundo e, portanto, é por ele (pelo corpo) que entendemos o mundo. O conhecimento do mundo é dado pela disposição do corpo e para isso “há para S. Weil uma geometria elementar em nossa percepção que faz com que o espaço, as formas, nos sejam dados” (MARIZ, p. 66). E é por esse reflexo, por essa reação com o exterior, que Weil comparará nossos sentidos e aquilo que sentimos pelo corpo como sendo uma dança.

É esse estatuto da percepção (que relaciona-se com o movimento) que possibilita-nos entender como, na filosofia weiliana, o corpo é detentor do poder de significar as coisas sentidas no mundo. No entanto, para atingirmos a verdade inscrita no mundo, é necessário educar a significação dada pelo corpo. Para isso, a autora apresenta a *noção de leitura* na filosofia weiliana.

A *leitura* é compreendida por Weil como uma capacidade de significar as coisas existentes no mundo, sendo de grande importância para entendermos como educar o corpo, integrando seu movimento ao pensamento para assim, elevar o trabalho à sua condição espiritual. Mesmo havendo diversas formas de ler o mundo, a autora mostra-nos que é somente através da *noção de leitura* que se dá, no pensamento weiliano, os “três gêneros de conhecimento que são justapostos e articulados entre si, a saber: (1) a percepção imediata decorrente da própria experiência, (2) a ordenação da percepção pela razão e (3) a intuição” (MARIZ, p. 69). Fazem-se necessárias, portanto, *as leituras superpostas* que permitem “ao homem contemplar a beleza e a ordem no mundo” (MARIZ, p. 71).

A leitura da necessidade é a mediação entre o mundo humano e o divino. Por isso, ao se inscrever no trabalho através de um corpo capaz de sincronizar sua ação ao pensamento, ao homem torna-se permitido, de acordo com Weil, analisar a necessidade do mundo e integrar-se nele como matéria inerte. É somente na *leitura justaposta*

que o homem poderá adentrar a leitura do divino que se inscreve nas leis do universo (expressos na necessidade). Nisso compreende, de acordo com a autora, “a passagem da leitura à não-leitura, como ápice da integração do homem com Deus” (MARIZ, p. 75).

A partir daí, Débora Mariz apresenta-nos a questão da habituação do corpo anterior ao trabalho, que faz-se necessária para que o corpo desassocie-se das significações dadas pelo costume e pelo instinto, afim de, como argumentado pela autora, “estabelecer uma certa relação de indiferença corporal com o mundo, o que podemos associar à noção de “impessoalidade weiliana” (MARIZ, p. 77).

Mas afinal, como se daria de fato essa habituação? É aqui que a autora explicitará o papel do conceito de ‘atenção’ que tornará possível ao corpo entender o ritmo do mundo, permitindo-lhe (ao corpo) ler corretamente a necessidade através das sensações. Para isso, a autora apresentará diversos exemplos em todo o livro, dados por Weil, de analogias como da bengala do cego e do marinheiro com o barco, onde tais objetos (que são utilizados como uma extensão do próprio corpo) são utilizados para ler a realidade, compreendida assim, como a necessidade inscrita no mundo.

O ritmo, como evidenciado pela autora, é para Weil uma mediação, “uma relação harmônica entre termos contrários, em que há pausa e movimento, lentidão e rapidez, em que o tempo é cíclico e limitado, inclui paradas e não é marcado pela regularidade tal como na cadência do relógio” (MARIZ, p. 82). A autora continua: “esse ritmo pode ser observado na ação do trabalhador agrícola, na execução de uma peça pelo pianista experiente, no atleta ao bater um recorde e no tenista experiente durante uma partida” (MARIZ, p. 82). Através desses exemplos weilianos, a autora mostra-nos como o ritmo inscrito na habituação do corpo, quando educado pela atenção, torna-o flexível, estando de acordo com o ritmo da própria necessidade inscrita no mundo. Ao inscrever-se no ritmo expresso pela necessidade, “o ritmo corporal estaria consonante ao ritmo ontológico do universo” (MARIZ, p. 83).

Depois de todo este processo explicativo, da habituação do corpo na filosofia weiliana, Mariz apresenta-nos o capítulo quarto do livro, que adentrará a compreensão do ‘corpo em trabalho’ na filosofia de Simone Weil. Inicialmente, a autora explorará de forma inédita o primeiro texto que compõe as obras completas de Simone Weil, intitulado “O conto dos seis cisnes”. A partir dele, Mariz convida-nos à interpretação weiliana dos mitos e dos contos, mostrando como que por meio deles Weil reflete sobre as questões mais intrinsecamente conectadas à condição do homem. A filósofa, como esclarece a autora, explora o signo do trabalho a partir dos mitos e dos contos folclóricos mostrando, principalmente, a condição do trabalho como uma ação atenta que permite o contato com a pureza.

É a atenção integrada à ação e à habituação do corpo a um ritmo inscrito na necessidade que permitirá que o corpo se flexibilize e encontre obediência às leis do universo. Assim, o corpo tornar-se-ia a mediação entre o homem e o mundo passando a agir no registro da *ação da não ação* ou da *ação não agente*, noções tão caras à filosofia weiliana, e que serão exploradas com primazia pela autora nesse último capítulo. A autora, a fim de esclarecer tal conceito, apresentará os termos que estão presentes tanto na tradição taoísta quanto na tradição hindu, e que foram analisados e reinterpretados na filosofia weiliana referindo-se, portanto, a essa noção da *não-ação* presente no pensamento de S. Weil.

“A não-ação,” esclarece a autora, “refere-se a uma qualidade negativa de ação, que implica o vazio, ou seja, a capacidade de esvaziar-se de toda expectativa”. E conclui ao mostrar que essa *não-ação* “não é uma inatividade ou um conformismo, mas uma passividade implícita do sujeito que se esvazia para direcionar sua atenção à ação realizada” (MARIZ, p. 94).

Por último, a autora apresentará um estudo sobre a sensibilidade desperta no corpo em trabalho, explorando cada uma delas. A sensibilidade e os sentidos despertados no corpo pelo trabalho tornam-se, assim, uma nutrição para o trabalha-

dor. Será por meio das analogias alimentares que Mariz argumentará da possibilidade do homem vivenciar a espiritualidade inscrita na concepção do ritmo que é dado pela necessidade e assim, incorporado na ação do trabalho. Essa vivência possibilitará que o homem coma a beleza, analogia que abarcará, por fim, a noção de energia na filosofia weiliana. Daí, dirá nossa autora magistralmente, que para Weil a mediação entre a necessidade e o bem compreenderá “um equilíbrio das duas forças constitutivas do mundo: a gravidade e a energia; sendo “a ordem do mundo uma balança entre elas” (C VI, 3, 237)”, (MARIZ, p. 105)². Ao citar outro trecho de Weil a respeito dessa relação energética, Mariz esclarecerá que é o corpo em trabalho, nessa relação harmônica, “a balança onde o sobrenatural e a natureza se fazem, contrapesos” (C VI, 3, 309)³.

Vale ressaltar, por fim, que esse valioso estudo apresentado por Débora Mariz - no que concerne, principalmente, ao ‘trabalho’, ao ‘corpo’,

à ‘habituação do corpo’ e ao ‘corpo em trabalho’ (temas de cada um dos quatro capítulos do livro) em Simone Weil, assim como sua conclusão que perpassa pela crítica ao trabalho contemporâneo e da necessidade de ressignificá-lo hoje - é apresentado de forma aprofundada e com uma riqueza de detalhes que somente uma leitura atenta do livro poderia conceber.

A erudição e a clareza filosófica apresentadas nessa obra de Débora Mariz encanta e naturalmente representará, para quem pretende conhecer e trabalhar academicamente com a filosofia de Simone Weil, não somente uma rica fonte para os estudos e para a compreensão de diversas concepções, ainda pouco exploradas da filosofia weiliana, mas também uma inspiração para que novos pesquisadores adentrem e produzam novos estudos acadêmicos a respeito do riquíssimo e apurado pensamento filosófico de Simone Weil.



NOTAS

1. Eduardo L. A. Rodrigues é bacharel em Filosofia (UFMG) e atualmente mestrando em Filosofia (UFMG). Dedicar-se aos estudos da Filosofia Grega antiga e da Literatura Grega arcaica e clássica. Sua atual pesquisa tem como tema a representação dos heróis homéricos nos diálogos de Platão. Além disso, é um atento leitor e estudioso da filosofia de Simone Weil.
2. Œuvres complètes VI: Cahiers. Vol. 3 – Cahiers (février 1942 – juin 1942) – C VI, 3.
3. Ibidem.